

Arquivos imateriais: a programação de cinema no Arquivo Municipal de Lisboa – Videoteca

Immaterial Archives: cinema programming at the video library of the Arquivo Municipal de Lisboa

Inês Sapeta Dias*

RESUMO

Se na sua fundação, em 1991, a missão e objeto da Videoteca passava tanto pela constituição de uma memória viva da cidade, como pela promoção e disponibilização de material para o estudo do cinema e vídeo - sobretudo daquele produzido em Portugal -, a integração deste serviço no Arquivo Municipal, em 2011, exigiu uma reformulação destes princípios. Em 2015, e após um período de interregno, a programação de cinema voltou então à Videoteca com uma nova missão: contribuir para a escrita da história da cidade e, talvez sobretudo, pelas características específicas do cinema, e do vídeo em particular, descobrir os modos pelos quais os filmes repensam e até reinventam ou imaginam a cidade enquanto *lugar*, isto é, espaço habitado.

Este pequeno artigo apresentará brevemente as linhas e as iniciativas de programação de cinema que o AML-Videoteca desenvolveu (e ainda está a desenvolver) ao longo deste ano e pretende contribuir para uma reflexão mais alargada sobre a contribuição do cinema para uma história e um pensamento sobre Lisboa.

INTRODUÇÃO

O vídeo, na raiz da denominação da Videoteca, não indica apenas o material com que lida este arquivo, é também aquilo que define as suas características particulares. Por um lado, por colocar desafios à preservação das imagens e, por outro, por apontar vias novas para essa preservação.

*Depois da licenciatura e mestrado, está atualmente a finalizar o seu doutoramento em Ciências da Comunicação (FCSH/UNL). Começou a trabalhar em programação de cinema em 2004, na Filmoteca de Catalunya (Barcelona), e desde 2005 é programadora na Videoteca. Teve carta branca da Cinemateca Portuguesa para programar cinco sessões, em Janeiro de 2011, e em 2012 co-programou uma retrospectiva de documentário português em Lussas (França). Em 2008 realizou *Retrato de Inverno de Uma Paisagem Ardida* (com apoio financeiro do ICA/RTP).

Quanto ao primeiro ponto, a discussão é recente e tem sido intensa: toda a linha de exibição cinematográfica parece estar a aceitar o domínio e as facilidades que a tecnologia digital traz para o transporte e acessibilidade dos filmes. Ao mesmo tempo, os arquivos filmicos, que acrescentam à missão de exibição a tarefa de conservar e preservar os filmes, confrontam-se com a perecibilidade destes novos (i)materiais. Não só estes arquivos (como é o caso do ANIM, em Portugal) se perguntam sobre a questão do original - ideia problemática no caso dos filmes, objetos reprodutíveis por natureza e definição - e sobre a supressão da possibilidade da sua exibição - cada vez há menos salas com equipamento de projeção de película -, como se confrontam com a vertiginosa obsolescência dos formatos digitais e com a consequente incapacidade de transferir os filmes para formatos legíveis a cada momento e no futuro.

Do outro lado da questão, está a acessibilidade e disponibilidade das imagens digitais. É um paradoxo: ao mesmo tempo que estas imagens são difíceis de preservar e conservar, e correm, a cada minuto, o risco de se perderem, num movimento só comparável com a perda de 90% dos filmes feitos no período mudo, as imagens em formato digital são também de mais fácil circulação e acessibilidade. O vídeo, primeiro, a imagem digital depois, não só permitiram um acesso e uma democratização do uso da tecnologia de captação, permitiram também um acesso facilitado e amplo à história do cinema. São formatos que incitam à remistura, e ao pensamento pela articulação – não é por acaso que os filmes que mais sistematicamente trabalham sobre o cinema e a sua história tenham aparecido com o vídeo: as *Histoire(s) du cinema*, de Jean-Luc Godard, desde logo, os ensaios de Hartmut Bitomsky e Harun Farocki, também - só para referir os mais influentes.

Posto isto, percebe-se o carácter particular em que assenta toda a atividade, na qual se inclui a programação, do Arquivo Municipal de Lisboa – Videoteca onde, ao contrário do trabalho de outros arquivos, com outras naturezas, a preservação se faz sobretudo pela exibição. Isto é, onde noutros arquivos a exibição dos materiais conservados coloca desafios e problemas precisamente a esse trabalho, num arquivo de imagens em vídeo é a exibição, a circulação, a disponibilização das imagens, e a sua duplicação para isso mesmo, que promove a preservação das imagens, justamente imateriais.

Foram duas as grandes atividades de programação iniciadas em 2015 pela Videoteca que seguem, ao mesmo tempo que pensam, estas particularidades: o ciclo de visionamento comentado *Topografias Imaginárias* e a *Traça*, uma mostra de filmes de arquivos familiares.

TOPOGRAFIAS IMAGINÁRIAS, CICLOS DE VISIONAMENTO COMENTADO

Com o *Topografias Imaginárias*, que este ano aconteceu durante o mês de Maio, procurou-se descobrir os modos pelos quais o cinema não só retrata mas reinventa Lisboa. A ideia é que, em cada ciclo, um tema provoque o visionamento comentado de quatro ou cinco filmes. Em cada sessão participa alguém que estuda o tema em questão e o realizador do filme mostrado ou outro convidado (investigador, crítico) que possa falar sobre ele. Em

2015, e para o primeiro ciclo, decidimos abordar um dos mais potentes encontros nesta problemática, isto é, o retrato e a imaginação da cidade pelos filmes: a arquitetura.

Organizámos o ciclo em parceria com duas arquitetas, também programadoras do *Arquiteturas Film Festival*, e todo o programa foi pensado a partir de um dos traços mais fortes e marcados na arquitetura do edifício da Videoteca, onde se realizaram as sessões: o modo como este é uma acumulação de transformações e adaptações, desde o século XVI até hoje, visíveis na sua estrutura e desenho atual. A partir do edifício da Videoteca, então, o tema do programa tornou-se a transformação da cidade de Lisboa.

Para abordar a questão, foram programados quatro filmes (parafraseio as apresentações no programa): *Crónica dos Bons Malandros* (1984) de Fernando Lopes, onde Lisboa aparece colorida, excitante e mirabolante, retratada simultaneamente como uma cidade fascinada com a importação de alguns “americanismos” e como uma cidade intrínseca e resistentemente portuguesa; *Três Palmeiras* (1994) de João Botelho, que acompanha sete horas de um dia em Lisboa, imaginando vivências e lugares a partir de espaços reais e se afirma diretamente sobre a cidade e o seu cinema (o cinema que a cidade provoca); o terceiro filme programado foi *O Estado das Coisas* (1982) de Wim Wenders, que acompanha um momento de impasse de uma rodagem iniciada na Praia Grande e terminada em Los Angeles, onde Lisboa é uma paisagem esvaziada, interrompida, até apática, simultaneamente espaço melancólico e cenário apocalíptico; e finalmente foi comentado *Ruínas* (2008) de Manuel Mozos, um resumo de todo o programa por ser uma acumulação de edifícios abandonados, vazios, silenciosos, todos eles atravessados por vozes e histórias que não lhes pertencem – um filme que é assim tanto sobre um presente onde a transformação é equivalente ao abandono, como sobre a acumulação de coisas passadas (imaginadas ou não) nessa textura presente.

O programa não foi uma viagem no tempo, ou não o foi no sentido cronológico. Abordou diferentes momentos da cidade, e sobretudo mostrou o modo como alguns filmes abordaram esses momentos. Entre a ficção e o encontro brutal com a realidade do edificado, todos os filmes demonstraram assim o modo particular pelo qual o cinema pode sugerir uma história da cidade e da sua arquitetura: pela força da imagem em movimento, por causa das vidas inventadas, os filmes preenchem os edifícios, envolvem-nos num ambiente, reconstroem e reformulam o traçado rígido das paredes. A paisagem, coisa tão vista quanto sentida, torna-se assim (e foi neste ciclo) um conceito fundamental para perceber a relação que o cinema estabelece com os espaços.

Em cada sessão, três convidados – sempre um arquiteto (José Manuel Fernandes, Manuel Graça Dias, Rui Mendes, Luís Santiago Baptista), quando possível o realizador (João Botelho, Manuel Mozos), e um investigador ou crítico de cinema (Paulo Cunha, João Rosmaninho, Luís Miguel Oliveira, Filipa Rosário) ou um conhecedor profundo do filme comentado (Maria João Seixas, Paulo Catrica) – foram desafiados a escolher excertos, e a centrar o seu comentário nessa escolha. Cada intervenção foi assim guiada pela projeção, método que se mostrou surpreendente: as cenas, por vezes as mesmas, comentadas por diferentes convidados, iam-se transformando à medida que eram vistas, pela deslocação da perspetiva de que eram abordadas. Foi um trabalho sobre o detalhe, de paragem e revisão, que permitiu descobrir coisas novas em cada um dos filmes, muitos deles já conhecidos

pelos espectadores, que se moveram assim, não pela novidade do filme, mas pela novidade do ponto de vista sobre ele. O ciclo acompanhou então, na sua estrutura e método, o próprio objeto que o orientou: descobriu-se de que cada vez que se olha para qualquer coisa, ela se transforma com aquele que observa; descobriu-se dito de outro modo, que o cinema é um exercício de visão, e que a cidade se transforma com quem a olha.

TRAÇA, UMA MOSTRA DE FILMES DE ARQUIVOS FAMILIARES

Um arquivo é, por natureza e definição, não propriamente uma acumulação ou depósito de documentos por alguma razão relevantes, mas um contexto onde se jogam, pela articulação, as coisas de uma determinada cultura – jogo em que esta se define, em determinado momento. Assim, não é apenas determinante o que entra ou está fora de um determinado arquivo – essa seleção é ainda assim um importante reflexo das decisões sobre o que pode ou não ser visto e dito – mas também que relações se estabelecem entre as coisas pertencentes a um determinado arquivo. A todos aqueles que o gerem, o arquivo coloca uma dupla exigência: a preservação, por um lado, e a abertura e disponibilização dos materiais arquivados, o que inclui a sua abertura a novas articulações, por outro.

Os filmes de carácter privado, familiar e amador, têm, no que diz respeito à história dos arquivos, e em concreto os fílmicos, um lugar exemplar. Têm sido, ou materiais totalmente esquecidos – desses que ficam de fora dos arquivos e assim de uma cultura – ou materiais trancados numa espécie de limbo, porque quando são guardados, raramente são conservados, e praticamente nunca são exibidos - não estão disponíveis, portanto. Tem recentemente crescido o interesse e a preocupação com o estatuto e estado destes filmes, e alguns trabalhos de estudo e preservação têm começado a ser encetados por alguns arquivos fílmicos do mundo. O Arquivo Municipal – Videoteca juntou-se, este ano, a esse movimento e a esse interesse, balizado no entanto pelo âmbito das suas valências, que não são as de um arquivo fílmico.

A esse nível é preciso voltar a dizer que, no âmbito do cinema, o vídeo se tornou um instrumento particular e potente na gestão da dupla exigência dos arquivos: se por um lado, o vídeo e a tecnologia digital colocam desafios novos à preservação das imagens, já o vimos, por outro lado, permitem descobrir novas maneiras de estudar e aceder ao património de filmes feitos – já aqui foi dito: o vídeo incita à remistura, incita a pensar em articulação. Assim, e sobretudo no âmbito da sua atividade de programação, o Arquivo Municipal – Videoteca tem procurado, mais ou menos diretamente, pensar e descobrir a potencialidade do pensamento pela articulação, que o vídeo promove. A TRAÇA – Mostra de Filmes de Arquivos Familiares não é exceção, faz parte desta estratégia.

Com a TRAÇA o Arquivo Municipal de Lisboa – Videoteca afirma, então, a sua vontade de dar a conhecer e incentivar o visionamento e o estudo dos filmes oriundos de arquivos familiares, até agora limitados à visão e uso privado, uma iniciativa complementada pela angariação de filmes que a Videoteca mantém, desde o início deste ano, aberta em permanência. Aproximam-se assim os munícipes da construção da história da cidade, e inicia-se o *traçado* de um enorme mapa imaginário e comum a partir de cada uma das imagens privadas e pessoais que o Arquivo Municipal já tem no seu espólio, e continuará, desejavelmente, a receber. Cumpre-se assim a missão

deste serviço: devolver, disponibilizar permanentemente, e promover uma visão crítica e informada sobre as imagens que guarda, não só àqueles que as depositaram, mas a todos aqueles que habitam e se interessam pela história de Lisboa.

Os filmes que encorpam a TRAÇA, de carácter amador e familiar, têm um duplo interesse: por um lado, são *documentos* de histórias, de momentos, modos de estar e de viver nos espaços e das relações de outro modo impossíveis de conhecer; por outro lado, têm um carácter *documental*, cinematográfico, muito forte, pela pureza dos gestos e das cenas do quotidiano que acompanham e retratam – aproximam-se do movimento mais primordial do cinema. De uma autoria diluída ou mesmo com uma origem completamente desconhecida – muitos destes filmes são encontrados em sótãos ou feiras, sem que o seu proprietário corresponda, hoje, à pessoa que filmou – a beleza destes filmes não está propriamente no sentido que é dado às imagens – como normalmente acontece com os filmes, unidades de sentido – mas na brutalidade do encontro de cada imagem com cada coisa, força e beleza em que ainda há muito para perceber.

Todos os anos a TRAÇA terá um formato diferente, por definir, e será movida por um tema, uma questão ou uma unidade de algum tipo, encontrada nos filmes que o AML-Videoteca vai recebendo – só assim, pela renovação dos motores da articulação dos filmes, poderemos manter o arquivo ativo e atento e nos poderemos aproximar de uma compreensão destes gestos. Essa unidade ou esse tema pode ir desde a história de um acontecimento ou momento particular da cidade, até à documentação da genealogia de uma família, ou a documentações do modo de estar e dos gestos das pessoas em determinado contexto, ou ainda ao mapeamento de um lugar. De todas as maneiras, essas histórias serão contadas pelas imagens em articulação; uma articulação que pode, também ela, seguir estratégias diferentes – os filmes poderão ser projetados em sala ou em galerias, um de cada vez ou em simultâneo, ou podem ser integrados em filmes novos, cumprindo esse modo de ver o cinema que o vídeo promove. Sublinha-se assim aquilo que o vídeo veio demonstrar: que cada filme é simultaneamente uma unidade e potencialmente material para outro, novo.

A primeira edição da TRAÇA – Mostra de Filmes de Arquivos Familiares aconteceu nos dias 10 e 11 de Outubro, nas casas e outros espaços do Bairro do Castelo.

*

Entre o ciclo *Topografias Imaginárias* e a *Traça*, está então a cidade como lugar, espaço habitado, vivido, percorrido; e como paisagem, também, isto é, espaço tanto visto como sentido. Encontra-se aí a especificidade da história de Lisboa que o cinema pode contar: a história de um ambiente, inextrincável dos seus edifícios e da sua estrutura; a história daqueles que habitam a cidade, por um lado através de uma descoberta dos seus modos de estar e de viver (dos seus acontecimentos), e por outro, através de uma desmultiplicação dos pontos de vista sobre os acontecimentos já públicos e conhecidos. Ponto coincidente, também, é aquele indicado pela própria imagem com que a Videoteca lida (e fecha-se o texto com um regresso ao seu início): o acesso e a disponibilização da escrita da história a todos os que habitam a cidade, e a escrita de outras histórias, pela remistura e rearticulação de um mesmo arquivo de imagens, tornado, nessa novidade da articulação, comum.